

OS ALUNOS DA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL E A PARTICIPAÇÃO NA POLÍTICA ESTUDANTIL NOS ANOS DE 1979 A 1989 EM SALVADOR

GRUPO DE TRABALHO 22 - Sociologia da Infância e Juventude

Resultado de investigação finalizada

NAIARANIZE PINHEIRO DA SILVA

RESUMO

Este trabalho investiga a participação política dos estudantes da Escola Técnica Federal da Bahia entre os anos 1979 a 1989 em Salvador. A existência de poucas pesquisas acerca do Movimento Estudantil Secundarista de Salvador nos estimulou a realização desta pesquisa de mestrado concluída em 2009. Nossa intenção é ampliar o debate acerca da participação juvenil no movimento estudantil baiano, a partir de um estudo de caso: “Os Alunos da Escola Técnica Federal e a participação na política estudantil nos anos (1979-1989) em Salvador”. Reconstruímos a história do movimento estudantil da ETFBA baseando nosso trabalho no diálogo entre estudiosos do tema e as fontes delineadas para a pesquisa empírica, pautadas na leitura de documentos oficiais, jornais diversos e entrevistas.

Palavras chave: movimento estudantil secundarista, juventude, escola técnica.

INTRODUÇÃO

A ditadura militar impôs restrições ao movimento estudantil (ME) brasileiro, através de atos institucionais arbitrários (BRASIL, 1968), visando silenciar os estudantes, mas eles não se abstiveram de organizar-se politicamente e entre 1970/1980 buscaram outras formas de organização para recriar o movimento. Neste contexto, identificamos na Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA) um importante espaço de reconstrução e resistência ampliado na medida em que o regime militar agoniza.

As formas de ação variaram do enfrentamento direto ao uso das armas do próprio regime. No Ensino Secundário, o Centro Cívico, órgão legal de representação, comatividades culturais, esportivas, festivais de música e teatro, criando um novo modo de falar sobre seus sentimentos e das insatisfações vividas. A experiência do ME cria um estilo de vida para estes jovens, os quais na vida adulta acabam por assumir outros espaços de atuação que extrapolam o ambiente do trabalho industrial para o qual foram preparados.

Estes alunos assumem papel de vanguarda na reconstrução do ME secundarista baiano, integrando-se paulatinamente às demandas da sociedade, aglutinadas em torno das tendências políticas que buscam a hegemonia do ME e dos Movimentos Sociais. Em 1985 com a aprovação da Lei Aldo Arantes (BRASIL, 1985), o grêmio estudantil volta a ser o espaço de representação autônoma no ambiente escolar, com novas pautas e modos de organização.

A juventude tem sido objeto de estudos na atualidade, mas há pouca ênfase na compreensão dos grupos juvenis dos anos 1980, bem como na participação destes como agentes políticos (SOUZA, 1999). Desejo ampliar o debate acerca da participação juvenil no ME baiano, neste estudo de caso: “Os Alunos da Escola Técnica Federal e a participação na política estudantil nos anos (1979-1989) em Salvador” (SILVA, 2009). Reconstruí a história do ME da ETFBA baseando-me no diálogo entre os

estudiosos do tema e as fontes delineadas para a pesquisa empírica (documentos oficiais, atas, jornais e entrevistas).

1. Arte e movimento estudantil

Durante a ditadura (1964 a 1985) houve intensas restrições ao movimento estudantil com atos institucionais arbitrários, mas os estudantes não se abstiveram totalmente de organizar-se politicamente (BRASIL, 1969). Após suas instituições representativas serem postas na ilegalidade, uma parte foi para o exílio enquanto outros permaneceram na luta armada ou eximiram-se da ação política. Nos anos 1970, estes estudantes passam a buscar outras formas de organização com o intuito de recriar o movimento.

OME da ETFBA existiu durante todo o período de vigência do regime militar, embora nem sempre fosse visível à totalidade da sociedade. Atuou objetivando a solução de problemas relativos ao ambiente escolar e suas demandas internas, como a melhoria das condições de ensino e o autoritarismo docente. Posteriormente se amplia o vínculo entre o movimento dos estudantes e as questões sociais, pauta da sociedade soteropolitana e brasileira e muitos passam a incorporar as lutas da cidade em seus projetos políticos.

A arte foi um dos principais instrumentos de protesto dos alunos. Embora nem sempre este protesto fosse claro às autoridades escolares, uma vez que o conteúdo das apresentações, das poesias e das músicas fosse carregado de simbolismos e metáforas. As semanas da cultura, realizadas na escola constituíram-se um dos principais eventos deste tipo de ação. Nem sempre era fácil burlar o sistema e sua programação oficial controladora.

Além dos grupos teatrais oficiais havia também grupos independentes, os quais tinham como objetivo apresentar ao alunado um texto mais próximo da realidade. Sob a influência do ME anterior, eles reproduziram o modelo de arte engajada que vigorou na esquerda brasileira, inspirado no Centro de Cultura Popular (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE). Mesclavam arte popular e crítica ao sistema social vigente.

O conteúdo dos poemas e das peças ia da insatisfação com a condição social, a repressão, o amor e as dúvidas pertinentes à juventude, expressas no cotidiano dos estudantes e refletia o contexto artístico em evidência no país a partir dos anos 1960, da música, do teatro e da literatura.¹

Importantes mudanças sinalizam um percurso marcado por uma forma de fazer política que tem na arte um novo modelo de engajamento.

Desde o início dos anos 70, na verdade, parecem acontecer alguns realinhamentos expressivos, a exemplo do que ocorre com importantes expoentes do outrora engajado “cinemanovista”, em suas relações com o regime militar e a Embrafilme, bem como surgem novos atores políticos e que expressam novas identidades urbanas, ainda que periféricas, e relativamente pouco exploradas pela historiografia até então (FURTADO, 2004, p.230).

Furtado (2004) identifica a introdução de temas na música popular como o individualismo, a competitividade e a busca de realização através do trabalho, centrais da existência humana, embora insuficientes à plena realização do indivíduo. O paralelo feito entre a música “Capitão da Indústria” de 1972 e “Comida” de 1987² é exemplar.

¹ Em anexo poema do aluno Ailton Moreira. “De mãos dadas”, 1979.

² Ambas refletem a “necessidade” como algo que extrapola a solução dos problemas cotidianos, mas amplia as necessidades para um campo mais subjetivo, de realização do indivíduo. “Necessidade, desejo, vontade” (Titãs, Comida, 1987). Para Furtado, esta mudança se verifica ainda na introdução de “personagens como o trabalhador de baixa qualificação, a empregada doméstica, o

Tanto na leitura dos poemas, como na peça “Joões e Patrões”, encontramos este elemento que confere ao trabalhador a consciência de sua condição de explorado, bem como a expectativa de transformações sociais.

Os estudantes dão a lugaresuma conotação simbólica. A “Praça Vermelha”, o pátio central da ETFBA, simbolizou (e ainda simboliza), muito da atitude contestatória gestada nos anos de regime militar.

Sobre estes espaços simbólicos um aluno nos relatou que

A Praça Vermelha. O chão vermelho. Quando eu cheguei já era Praça Vermelha. Os espaços eram consagrados. Em 86 consagrou a “aranha”, que as assembleias eram feitas ali, no movimento “Fora Rui Santos”, mas aquele auditório lá do segundo pavilhão era onde a gente fazia as assembleias, e a Praça Vermelha era quando a gente queria fazer agitação. Então armava essas bandas “Cascadura”, “Os feios”... Quando a gente queria fazer “esculhambação” a gente armava uma caixa de som, ali na frente com o microfone e cantava ali. O grêmio também fez algumas coisas na Praça Vermelha. E era aqui do lado, a saída de alunos era aqui do lado. Botava o carro de som aqui e descia todo mundo em passeata até a Praça Municipal ou Campo Grande (Aluno de química. 1985/1990).

Destes lugares os alunos partiam para as passeatas pelas ruas da cidade, ou iniciavam suas assembleias internas.

2. O Centro Cívico Santos Dumont (CCSD)

O Centro Cívico substituiu os grêmios estudantis através do Decreto Federal Nº 68.065/71 (BRASIL, 1971) que estabeleceu sua criação nas escolas, tutelado por um orientador designado pelo estabelecimento de ensino (HAUER, 2007), (BOTELHO, 2006), (CARLOS, 2006) e existiu na ETFBA até 1986.

O jornal JUVENTEC (ETFBA, 1978), em coluna intitulada “Momento Cívico” do Professor Coelho³, informa:

Existem os preceitos legais normativos e institucionais dos Centros Cívicos, os quais, por sua ação altamente integradora, se constituem em instrumentos indispensáveis a uma eficiente administração do estabelecimento de ensino. Ao promover a aproximação mais direta entre alunos, professores e corpo administrativo se verifica a dimensão do clima de perfeito entendimento em que a disciplina é o resultado do estado de satisfação geral, todos conscientes dos seus deveres. Neste ponto aí está, senão o maior de todos os objetivos dos centros cívicos – porque o culto a Pátria deve levar a palma, no despertar do interesse pelas suas tradições mais caras e fatos que enobrecem e dignificam a História – o reconhecimento do valor de quão valioso é o clima do bom relacionamento entre os integrantes da unidade escolar (ETFBA, JUVENTEC, 1978, p.07).

ambulante e o menor de rua, os quais parecem ganhar uma nova dimensão na cena pública, expressa, entre outros espaços, na produção cultural do período” (FURTADO, 2004, P.230).

³O Professor Coelho, professor de Educação Física, era tutor das atividades do CCSD.

Paradoxalmente é no Centro Cívico que identificamos um espaço de construção da resistência estudantil. Mesmo após os inúmeros decretos que restringiam suas ações, não foram completamente impedidos de permanecer lutando a fim de retomar o movimento. Entre os entrevistados encontramos a seguinte afirmação:

Não havia espaço para a gente se insurgir. (...) O foco de reunião política era o centro cívico, o centro cívico era o pessoal mais politizado, o pessoal da militância mesmo. Mas aqui tinha muitas tribos, tinha o pessoal dos esportes, a esquadilha da fumaça. Mas naquela época era só maconha que se usava... Dentro da escola só a esquadilha da fumaça que fumava... (Aluno de Geologia, 1976/1980).

Inicialmente, o protesto se apresentava de forma mais lúdica e artística, disfarçando elementos de conteúdo declaradamente político.

O centro cívico era completamente baseado na eleição dos líderes de turma. Era a grande fonte de referência para diretoria do centro cívico numa eleição indireta. Passei a ter contato com a liderança do PCB que havia aqui na escola: J.P., A.L. etc. Meu contato com a política foi esse. O conselho de líderes era responsável pela eleição da diretoria do centro cívico. As bandeiras eram muito voltadas para dentro da escola, a vivência era dentro da escola. Na verdade o centro cívico era o grande catalisador de atividades culturais, então era o CC que organizava os festivais de teatro e dança o que era uma coisa mais ou menos típica daquela época que nós estamos falando do final da ditadura e isso não foi privilégio da gente, em outras escolas, na arte as pessoas demonstravam sua insatisfação através da arte (Aluno de Mecânica, 1979).

O diálogo dos estudantes com as demais instituições de ensino da cidade, onde existia um ME não era rotineiro, só reconheciam os militantes dentro partidos e reuniões nas células (sempre clandestinas). Estas reuniões ou o “recrutamento” para o partido, usando um jargão da época, se dava após uma aproximação e observação demorada do estudante.

No meu tempo a gente não sabia de nada... Principalmente o pessoal mais jovem. O primeiro contato foi aqui com o centro cívico. O primeiro contato com algum movimento reivindicatório. O primeiro contato de fato foi o 1º de maio de 1978. Que os estudantes se organizaram de alguma forma e fizeram uma peça de teatro e que houve proibição de ser feita no centro cívico. E nós fizemos aqui no pátio da escola em frente à cantina. E como alguns alunos ficaram com medo, face à repressão, sobrou uma pontinha nessa peça pra mim, não tinha nenhuma atração por teatro nem nada... Mas, como achei algo desafiador. Entrei pra fazer essa peça e foi a minha introdução no movimento, na política... Foi aí que tudo começou... (Aluno de Mecânica, 1978/1981).

Neste período o ME da ETFBA possui estudantes críticos à presença dos partidos políticos na escola, que apresentam chapas alternativas a fim de concorrer à liderança do centro cívico, são os independentes que cada vez terão um papel mais significativo no interior do ME. Este fenômeno não é

exclusivo da escola técnica e à medida que a década avança, vai englobar um número maior de estudantes.

Os alunos que não participavam do centro cívico, embora à distância, apoiavam as ações, sendo solidários nos momentos de maior dificuldade. Os músicos tinham o papel de atrair os demais estudantes para o movimento. Como uma aluna que

(...)fazia um sonzinho e violão. Essa figurinha era assim... Ela não era liderança do movimento estudantil, mas era uma pessoa que estava dando apoio. Cantava quando a gente precisava de uma pessoa que cantasse e que tocasse pra poder mobilizar o pessoal (Aluno de Mecânica, 1978/1981).

A escola refletia um espaço social onde a diversidade de opiniões e posicionamentos vigorava de forma natural, mas a idade com que a maioria dos alunos ingressava, em torno dos 15-16 anos, sob o domínio familiar, sem vivência política anterior, seja pela repressão, seja pela própria imaturidade, merece ser considerada. Outro aspecto é o ingresso de adultos jovens que, embora possuísse o segundo grau buscava uma profissionalização.

Elenaldo Teixeira (1997) nos chama a atenção para a participação como um fator de caráter educativo, embora não assuma tal prática como definidora dos conteúdos da vida prática. Ou seja, não há garantias que a experiência de participação em certos espaços como a escola, a família e o trabalho serão determinantes para as ações futuras de um indivíduo. No caso dos nossos sujeitos, embora na atualidade nem todos permaneçam “militantes”, apresentam vínculos políticos a partidos políticos e movimentos sociais além de demonstrarem uma posição crítica frente às questões sociais.

3. O partido na Escola

Fazendo uma leitura a partir de hoje. Eu acho que tinha uma ação coordenada. Sistemática mesmo das pessoas que já eram ligadas a partidos, que já eram ligadas a tendências e que buscavam esses alunos novos, o apoio deles... Enfim, trazê-los para o movimento (Aluna de Química Industrial -1979/1981).

A presença do partido na escola é algo evidente nos relatos dos entrevistados. Sua aproximação se dava principalmente através da representação estudantil, fosse o centro cívico ou, posteriormente, o grêmio estudantil, considerado um espaço privilegiado, no sentido de instrumentalizar a ação. A expectativa do partido era que o aluno politizado poderia atuar de forma consequente nas bases dos sindicatos, os quais ganhavam cada vez mais força no período. Conforme podemos identificar na fala de um dos nossos entrevistados, membro do PC do B em 1979,

O cara, estudante da escola técnica, que era o alvo do movimento sindical, que era daqui que iam sair os operários do Polo e do Cia⁴, e que era onde os partidos de esquerda queriam depositar suas reservas para poder efetuar o movimento sindical, e responder aos problemas nacionais da ditadura militar. Então aqui era muito bem visto nessa história toda. E aí nesse processo de 78/79 houve essa procura maior... (Aluno de Mecânica 1978/1981).

⁴ Centro Industrial de Aratu, região para onde convergem várias empresas do Polo Petroquímico de Camaçari na região Metropolitana de Salvador.

O movimento estudantil substituiu permanentemente seus líderes, pois a presença do aluno na escola tem um tempo definido e essa renovação precisa ser conduzida para manter o movimento ativo. Os alunos jovens no ME e no partido são garantia deste domínio com pessoas preparadas para garantir a continuidade do trabalho. O domínio de um grupo ou tendência variou bastante no decorrer dos dez anos pesquisados. Identificamos o PCB, presente na escola desde meados dos anos 1970, agindo discretamente em virtude do contexto de repressão dos governos de Médici e Geisel.

Nós fomos chamados, vamos dizer assim, passamos por um processo de treinamento. Era um grupo ainda do partido comunista brasileiro (PCB) e a gente tinha grupo de estudos, então a gente estudava para aprender o que era o movimento. Na verdade, a ideia do partido comunista era preparar operários. A gente ia pro Polo Petroquímico. A escola formava trabalhadores para o Polo petroquímico. Era a escola que fornecia mão-de-obra qualificada (Aluno de Química - 1976/1981).

A importância do partido e o seu significado no mundo moderno consistem na elaboração e difusão de concepções de mundo, visto que os partidos elaboram a ética e a política adequadas à sociedade e “funcionam quase como experimentadores históricos de tais concepções”, colaboram ainda na formação dos novos intelectuais, unificando teoria e prática em um processo histórico real (GRAMSCI, 2006).

Havia ainda a presença da APML, do PCB, do PC do B e, posteriormente do PT⁵. Sendo que o PCB ocupava a diretoria do centro cívico desde meados dos anos 1970. Até o início dos anos 1980 a participação nos partidos comunistas não poderia ser um fato público. Vigorava a Lei de Segurança Nacional e os mesmos estavam na ilegalidade desde o governo de Vargas.

Neste espaço de luta pelas liberdades democráticas, o PCB apresentava como estratégia a busca pela ampliação da consciência democrática de toda a população e uma aliança com vários setores da sociedade. Privilegiava a atuação no interior do MDB, e seus membros, recrutados no movimento estudantil, compunham boa parte da sua “ala jovem”. As referidas “organizações de esquerda, com forte presença no movimento estudantil, procuravam levar as manifestações para as ruas em atos públicos e passeatas que enfrentavam as tropas de choque do regime” (ARAÚJO, 2002, p. 333).

Conforme relato de um ex-aluno, havia um vínculo importante na escola que refletia a atuação externa destes.

Nós ajudamos a eleger [um vereador] na ala jovem do MDB. [Outro membro] era o cara mais intelectual, professor de história. Nós líamos tudo aqui. Quase tudo de Marx menos o Capital. Todos aqueles livretos... Manifesto, Salário preço e lucro. (...) Eu acho que nós fomos o instrumento, mas também acho que não tinha como ser de outra forma, a gente foi massa de manobra do partido (Aluno de geologia, 1976/1980).

O discurso indica ainda uma decepção, um sentimento de desamparo encontrado em alguns estudantes. Ser “massa de manobra” ou ser “abandonado pelo partido” no momento de dificuldades aparece em pelo menos dois dos entrevistados.

⁵APML – Ação Popular Marxista- Leninista. PC DO B-Partido Comunista do Brasil. PCB – Partido Comunista Brasileiro. PT- Partido dos Trabalhadores. MDB – Movimento Democrático Brasileiro.

Ele queria que a gente fosse vender a *Voz da Unidade* na porta da fábrica e todo mundo foi demitido. Eu saí de férias, mas eu tinha entrado na universidade e ia passar de estágio de nível médio para estágios de nível superior. Saí de férias, quando voltei não tinha mais estágio, não tinha mais nada, os meninos já tinham sido demitidos... Eu me senti totalmente desamparado. Daí depois dessa história eu rompi com o partido comunista. Daí fiquei uns dois anos como independente. Aí fui me aproximando do PT (Aluno de Geologia, 1976/1980).

Embora seja possível identificar um sentimento de dever cumprido

O partidão montou uma célula numa fábrica. A única célula que o partido tinha numa unidade de produção eu, [mais dois colegas]. Você tinha o núcleo e os simpatizantes. Era preciso três, nos tínhamos os três saídos daqui. Recrutamos um lá. Chefe de turma, peão lá... Uma figura maravilhosa. Para você ter uma ideia o sindicato tinha 20 anos que não ia pro dissídio, em seis meses a gente convocou, se infiltrou no sindicato a gente conseguiu duas assembleias, na primeira assembleia tinha 20 pessoas, na segunda 60 e na terceira 90. Mas aí o que se passou... Para você ver como eram as coisas... (Aluno de Geologia, 1976/1980).

Havia também a OCDP⁶, cujo membro reafirma o foco no movimento sindical, que considerava a escola como formação de mão de obra para as indústrias locais. Segundo Araújo (2002), o ME foi um dos mais importantes espaços de debate sobre as diferentes concepções da luta democrática, o qual, em suas assembleias, expunha as posições políticas, a partir dos seus representantes que travavam acirradas polêmicas em torno de palavras de ordem e de propostas de ação.

O significado da ação dos partidos no cenário da ETFBA, espaço de formação de um operariado urbano ganha importância e diversas correntes de esquerda, disputam, representadas pelas tendências presentes no ME universitário, como a “Viração”, vinculada ao PC do B e “Semeando” do PT, além da “Unidade” do PCB já citado anteriormente..

Eu saí daqui um pouquinho atrasado, porque na verdade eu participava de uma organização que tinha definido aquela área ali como “área de fortaleza”. Certo? Eu assumi algumas tarefas internamente (...) meu papel lá foi recrutar algumas pessoas (...) uma galera que saiu da escola e hoje são militantes (Aluno de Eletrotécnica, 1982/1986).

Três dos entrevistados admitiram ter perdido o semestre com o objetivo de permanecer mais tempo na escola e dar continuidade ao movimento, mas o jubileamento por duas reprovações não permitia uma permanência irrestrita. De outro lado, a experiência do ME também leva o técnico, quando assume o emprego na empresa, a ter um posicionamento diferenciado. O movimento sindical baiano, se estrutura nos anos 1980, à medida que a fronteira industrial se desenvolve, dando fôlego aos sindicatos (GUIMARAES, 1995).

Não eram apenas as organizações partidárias que se colocavam nesta nova conjuntura, mas novos sujeitos políticos, nos Movimentos Sociais, traziam demandas mais específicas e de cunho

⁶ A Organização Comunista Democracia Proletária foi fundada no início de 1982, a partir dos remanescentes da APML, que foi extinta em 1981 na Bahia e em outros estados do país.

imediatamente, na busca por soluções para problemas do cotidiano, como a moradia, o transporte coletivo, a carestia etc., nem sempre encabeçados por membros de partidos políticos, mas decorrentes de uma organização mais espontânea da sociedade ou vinculados a organizações religiosas lideradas pela Igreja Católica (GONZALEZ, 1997).

Este período se caracteriza em Salvador pelo fortalecimento dos sindicatos, proliferação de organizações de bairros, ocupações, aumento do número de favelas e o ME que desde meados dos anos 1970 já vinha se organizando em torno de demandas internas como a questão do jubramento, na UFBA (OLIVEIRA, 2002), e a resistência à ditadura (BENEVIDES, 1999), (BRITO, 2008). Os secundaristas se reorganizam imediatamente após a UNE e realizam seu primeiro Congresso Nacional de reconstrução da UBES em 1980, em Curitiba.

No final de 1980 o PC do B assume liderança do Centro Cívico e a chapa “Viração” que dominava grande parte do movimento estudantil universitário baiano mantém a hegemonia também na ETFBA, embora o PT inicie um processo de formação de quadros na escola.

Há um maior enfrentamento às autoridades, com os alunos assumindo de forma mais aberta à insatisfação e participando mais ativamente dos movimentos sociais que expandiam na Bahia. Participam do quebra-quebra de ônibus de 1981 e, em 1984 os estudantes da ETFBA vão ao Bonfim na passeata pelas “Diretas Já” (SILVA, 2009).

Após a eleição para diretor da escola, alunos vinculados ao PT passam a disputar com o PC do B a hegemonia do ME da ETFBA.

Particpei da comissão pró-grêmio. Depois do processo de Rui Santos nós aceleramos o processo de eleição do grêmio. Basicamente eram dois grupos se enfrentaram: um grupo que era do PC do B e outra vinculada ao PT. A chapa do PT ganhou amplamente a eleição. A chapa chamava “Semeando o Movimento”. Semeando era a chapa do PT no movimento estudantil. Eu não era da diretoria, mas da provisória que organizou a eleição, fui da comissão eleitoral (Aluno de Química, 1985/1990).

Os alunos que ganharam a primeira eleição para o Grêmio Estudantil em 1986 formularam o estatuto e inauguraram o aprendizado da política estudantil em tempos democráticos. O grêmio da ETFBA é o segundo a se organizar na Bahia⁷. Grêmio Estudantil “Edson Luís”, porém a atual denominação é Grêmio Estudantil Denílson Vasconcelos.

A mudança da representação estudantil de centro cívico para grêmio foi um momento crucial para a reorganização da política partidária na escola.

Os caras se apresentavam como do PC do B. Certo? O que nos surpreendeu no processo foi que Aldo Arantes já em 1985 entra com a lei (...) assim que entra com a lei nós esperávamos o quê? Que o PC do B tomasse a iniciativa de organizar o grêmio estudantil (...) deve ter havido uma orientação (...) mas a gente não viu essa movimentação (Aluno de Eletrotécnica, 1982/1986).

A estratégia definida então é de paralelo à luta por eleições para diretor, reorganizar os estudantes.

Nós da organização [OCDP] tínhamos uma visão muito clara que era formar militantes para entrar no Polo Petroquímico. Por isso que a gente definiu aquela área como “área de fortaleza” (...) era o lugar que a gente concentrava nossos

⁷ O primeiro grêmio organizado foi o do Colégio Central.

esforços pra extrair militantes, para dali a gente construir, viabilizar nossa estratégia de acúmulo prolongado de forças e tal. Intervenção no movimento sindical, nos outros movimentos. Tanto é que a partir dali a gente ganha o Colégio ICEIA, depois o Colégio Central (...). junta tudo e a gente toma a UMES do PC do B. O trabalho ali dentro foi determinante para influenciar a organização do grêmio estudantil em outras escolas (Aluno de Eletrotécnica, 1982/1986).

A política partidária dentro da ETFBA não produziu os frutos esperados segundo este mesmo estudante.

Essa estratégia vem se mostrar estéril lá na frente. Porque a gente percebe é que os setores que nós articulamos como militantes e que foram pro Polo, depois seguiram carreira acadêmica! Esse que era o problema! Porque vinham de setores médios (...)Quando a gente chegou lá na frente que era de colher os frutos, como a gente colheu no grêmio estudantil... O pessoal entra no Polo, faz o estágio, pega e faz a prova da faculdade... e vai estudar, porque a gente era preparado de tal maneira, que não precisava nem fazer esses cursos pré-vestibulares, entendeu? (Aluno de Eletrotécnica, 1982/1986).

Há outros aspectos para o não ingresso dos militantes no Polo. A censura em vigência no país restringia as ações estudantis e dificultava o estágio. Ser diretor do centro cívico ou do grêmio poderia ser considerado “subversão”. A ex-presidente do Centro Cívico fala sobre o tema:

Eu nem sei se você sabe, mas no meu caso eu nem consegui fazer estágio. Eu não consegui trabalhar, acho que eles pegaram meu nome em alguma lista e mandaram para as empresas. Eu não tinha como conseguir saber isso, mas... Eu era uma excelente aluna, tinha um excelente histórico, ia até o fim nas entrevistas e não me chamavam, (...)E eu realmente precisava. (...) Depois eu faço essa leitura... Não tenho nenhuma prova... Era presidente do Centro Cívico, os caras já me pegaram com o livro de Mao Tse Tung na mão... A minha carreira foi abortada ali no começo. Daí a minha carreira mudou, eu saí da área (Aluna de Química Industrial -1979/1981)

Aliado a isso, a crise econômica dos anos 1980 cria uma limitação no número de empregos industriais. O processo de reestruturação produtiva (DRUCK, 2001), indica um decréscimo no nível de empregos que se intensifica.

Conforme vemos adiante

Eu tive dificuldade [de conseguir estágio]. Eu estagiei numa empresa de (...) conhecidos (...) e não concluí o estágio porque dentro do Polo a gente não tinha (...) ele, [Rui Santos] mapeou um monte de gente! Esse fato é real (...) eu não peguei o diploma de técnico ainda porque não consegui estágio. A empresa voltou pra São Paulo e não tive como concluir o estágio. (Aluno de Eletrotécnica, 1982/1986).

Mais de um fator deve ser considerado neste contexto, como podemos observar pelo discurso dos estudantes. A pesquisa permitiu conhecer vários ex-alunos que atuam em variados espaços políticos como sindicatos, movimentos sociais, partidos políticos, e que afirmam a experiência do ME como fator preponderante da sua formação.

Considerações finais

O movimento estudantil no interior da ETFBA acompanhou o processo de reorganização da sociedade brasileira após o regime ditatorial. Inicialmente suas ações se davam no âmbito interno devido à repressão e a redução dos canais de expressão política. Essas ações direcionavam-se ao enfrentamento à direção da escola, tida como representação deste regime e ao recrutamento de estudantes para os partidos e organizações clandestinas, com vistas ao movimento sindical.

A principal forma de resistência durante o período ditatorial foi através da arte e da participação em eventos culturais e artísticos, onde elaboravam suas críticas ao modelo de sociedade que prevalecia no país, bem como à própria dinâmica da ETFBA e sua gestão.

Além da participação em organizações políticas, os estudantes atuavam nos movimentos sociais emergentes, nas Comunidades Eclesiais de Base, nas organizações de bairros, nos movimentos de protesto social, como o MCC (Movimento Contra a Carestia) que culminou no quebra-quebra de ônibus em 1981.

A luta contra a ditadura e pela democratização ocorria paralela às discussões do cotidiano escolar, como a qualidade do ensino, o processo pedagógico, associadas a uma participação mais intensa no ME estadual, estimulando e influenciando a organização de outros grêmios estudantis, tanto das escolas públicas como nas escolas privadas, mobilizados especialmente pela discussão sobre o preço das mensalidades e do transporte coletivo.

A adesão dos estudantes à luta política partidária se dava individualmente, com vistas à formação orgânica de futuros quadros políticos da esquerda e do movimento sindical. Concepções marxistas regiam as ações destes grupos organizados e os partidos priorizavam a formação de quadros de massa e de intelectuais dentro do ME, conforme a concepção gramsciana que “(...) não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, ou seja, sem que o aspecto teórico da ligação teoria prática se distinga concretamente em um extrato de pessoas “especializadas” na elaboração conceitual e filosófica” (GRAMSCI, 2006, p. 104).

A conjuntura emergente exigia a formação de quadros em que pese nem todos permanecerem nos partidos ou atuarem na política em sua vida adulta, conforme verificado nas entrevistas. O principal objetivo das organizações políticas no interior da ETFBA era voltado à ampliação dos sindicatos, o que foi parcialmente alcançado por questões diversas.

Em primeiro lugar, a predominância de alunos de classe média, mais interessados na universidade, os quais nem estagiavam visto que o 3º ano permitia que fizessem vestibulares. Outros, reconhecidos como militantes, eram vetados de contratação em muitas empresas. Este fenômeno se deu tanto no período de ditadura, quanto após a saída dos militares. A crise econômica e o processo de reestruturação produtiva na indústria produziam uma redução considerável dos postos de trabalho e os estudantes acabavam optando pela universidade como alternativa ao emprego industrial.

A existência de um modelo diferenciado de organização estudantil, somado ao processo seletivo de ingresso, ao interesse dos alunos pelas questões sociais e à presença de organizações políticas no interior da escola, possibilitou a formação de um número considerável de pessoas envolvidas com questões sociais e políticas que ocuparam o espaço da academia, das letras e das artes em detrimento do trabalho técnico para o qual foram qualificados.

Ao investigar aqueles que contribuíram e lideraram o movimento estudantil da ETFBA (1979-1989) pude apreender uma série de questões referentes à instituição, além de recuperar fatos

importantes da educação nacional, em especial relativas aos estudantes. O movimento estudantil se organiza acompanhando os movimentos da própria sociedade e responde da forma possível as demandas instituídas em cada momento. Não podemos, portanto, olhar para os jovens estudantes como seres isolados dos demais grupos a que estão ligados.

BIBLIOGRAFIA

- Araujo, M. P. (2004). A luta democrática contra o regime militar na década de 1970. In: D. A. Motta, *O golpe e a ditadura militar: 40 anos depois (1964-2004)* (pp. 161-175). Bauru SP: EDUSC.
- Benevides, S. C. (1999). *Proibido Proibir - Uma geração na contramão do poder: o movimento estudantil na Bahia e o jovem*. Salvador, Bahia, Brasil : FFCH/UFBA.
- Botelho, M. d. (2006). *A ação coletiva dos estudantes secundaristas: passe livre na cidade do Rio de Janeiro (Dissertação de Mestrado)*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.
- BRASIL. Ato Institucional Nº 5, d. 1. (24 de agosto de 1999). *BRASIL. Ato Institucional Nº 5, de 13 de Dezembro de 1968*. Acesso em 08 de maio de 2008, disponível em Acervo da ditadura: <http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_6.htm >
- Brito, M. (2008). *BRITO, M. O golpe de 1964, o movimento estudantil na UFBA e a ditadura militar (1964-1968). (Tese de Doutorado). Doutorado em História*. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Carlos, A. G. (2006). *Grêmio Estudantil e participação do estudante. Dissertação Programa de Pós-Graduação em Educação*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- Decreto-Lei Nº 477, d. 2. (agosto de 1999). *Acervo da luta contra a ditadura*. Acesso em 05 de abril de 2008, disponível em http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_6.htm
- Druck, G. (2001). *Terceirização: desfordizando a fábrica: um estudo do complexo petroquímico*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Furtado, J. P. (2004). Engajamento político e resistência cultural em múltiplos registros: sobre “transe”, “trânsito”, política e marginalidade urbana nas décadas de 1960 a 1990. In: D. A. Reis, *O golpe e a ditadura no Brasil 40 anos depois* (pp. 229-245). Bauru SP: EDUSC.
- Gonzalez, M. V. (1997). *O Partido, A Igreja e o Estado nas Associações de Bairros*. Salvador: Assembléia legislativa do Salvador.
- Gramsci, A. (2006). *Cadernos do Cárcere. Volume I: Introdução ao Estudo da Filosofia de Benedetto Croce*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Guimarães, A. S. (1985). *Imagens e identidades do trabalho*. São Paulo: Hucitec.
- Hauer, L. M. (2007). *Colégio Pedro II no Período da Ditadura Militar: Subordinação e Resistência. Dissertação*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense.
- Oliveira, A. E. (2002). *Ressurgimento do Movimento Estudantil Baiano na década de 70. Dissertação*. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Silva, N. P. (2009). *Os alunos da Escola Técnica Federal e a participação na política estudantil nos anos de 1979 a 1989 em Salvador. Dissertação*. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Souza, J. T. (1999). *Reinvenções da Utopia: a militância política de jovens nos anos 90*. São Paulo: Hacker Editores.

Teixeira, E. (1997). As Dimensões da Participação Cidadã. *Caderno do CRH*, 179-209.

Apêndice

De mãos dadas⁸
Ailton Moreira

Quando por fim levatares da tua cova imunda
E chegar a ver onde te encontravas,
Talvez venha a chegar a conclusão que na tua morte vegetavas
Um olhar trôpego e vesgo é lançado sobre o teu sepulcro
Pensam que éreis o máximo em vida e o olham na morte como mártir.
Hipócritas que são. Não têm coragem de assumirem suas fraquezas
E as refletem em seus atos inconseqüentes
“Trabalhar.... Organizar!....
Multidões amorfas trocam desatentas os calçados sujos,
E as favelas, pense nela.... a favela!
Querias uma forma de libertação, defendidas a livre expressão,
Brigaste muito, outrem achou que em vão
Mas, mostraste-te ávido de sabedorias e lógicas e que dirigia as tuas ações.
Capazes, fortes , decididos, irrelutos!
Trilhaste as sendas esparsas e mofaste numa vil escuridão
Abocanhaste intrepidamente os teus ideais,
E os defendeste até extirpar a última
Sílaba... sílaba... sílaba... sí-la-ba...

⁸ Este poema faz parte do Caderno Literário da V Semana da Cultura da ETFBA, 24/09/1979.